

**Anais do
IV Seminário Eniac 2012
IV Encontro Da Engenharia Do Conhecimento Eniac
IV Encontro De Iniciação Científica Eniac**

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

MIRANDA, Jacques¹

Mestre em Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação pela Universidade Braz Cubas. Professor da Faculdade ENIAC SP.

[...] como pode algo surgir de seu contrário, por exemplo, o racional do irracional, o sensível do morto, a lógica do ilógico, a contemplação desinteressada do ávido querer, o altruísmo do egoísmo, a verdade dos erros? (...) não é preciso estar quase desumanizado para sentir em si próprio o pendor oposto? (Friedrich Nietzschein - Humano, Demasiado Humano).

¹ Mestre em Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação pela Universidade Braz Cubas. Professor da Faculdade ENIAC SP.

RESUMO

De maneira particularmente breve, o artigo dissecar os argumentos de vários autores, a exemplo de KUHN, Thomas; MORIN, Edgar; BONDIA, Larosa; CHALMERS, Alan; NICOLESCU, Basarab; STENGERS, Isabelle, visando estabelecer um link entre a interrelação do sujeito nas Redes Sociais Virtuais. Em seu desenvolvimento, o texto trafega por visões da complexidade e da interdisciplinaridade, expondo algumas de suas emergências que serão utilizadas como base para um estudo mais aprofundado em nível de dissertação.

Palavras-chave: Redes; complexidade; interdisciplinaridade; emergências.

INTRODUÇÃO

O presente artigo não tem a pretensão do aprofundamento no tema evocado. Tampouco pretende ser conclusivo sob o ponto de vista da exploração dos autores aliás como seria possível pois, na visão de KUHN (2007) e de outros autores contemporâneos (FREIRE, MORIN) ao nível da ciência, não há uma verdade absoluta e nem uma obra acabada. Com efeito, o artigo tem o propósito de estabelecer pontos de contato entre determinados autores e o tema central a que se propõe: as Redes Sociais Virtuais e as suas emergências.

Pretende-se, isso sim, criar uma base teórica para trilhar os caminhos da pesquisa de um projeto que é mais amplo e que envolverá uma latitude maior de autores (alguns já citados parcialmente por aqui) e terá ampliado os seus efetivos objetivos.

O cerne do presente artigo é – como ventilado anteriormente - as Redes Sociais Virtuais, este produto do mundo contemporâneo que tirou tantos sujeitos de seu lugar comum e tornaram muitos outros que viviam com seus grupos isolados mais interativos, participativos e tantos outros que mudaram suas concepções seguindo, quiçá, o caminho mostrado pela maioria, como iremos expor nas considerações das visões de alguns autores.

Assim, a exemplo de Tomas KUHN (2007) que trabalha a questão das revoluções científicas, a *Internet* com sua cota de revolução alterou sensivelmente a velocidade da circulação das informações e, com isso, também mudou o panorama das antigas Redes Sociais, aquelas existentes nos primórdios e amplo objeto de estudo dos antropólogos.

Sem a mínima pretensão comparativa, parte-se de uma mera intenção, uma ideia, sabe-se por onde começar. A exemplo do documentário que demonstra a performance do gênio Pablo Picasso (*Mistérios de Picasso*, 1955) filmado por Henry-Georges Clouzot, o pintor tem em suas mãos os pincéis; o autor dispõe de autores como matéria-prima. Como o próprio pintor que dará a forma a um objeto cuja ideia inicial já se possui, será iniciada a busca da forma final, por sinal, não finalizada, como dissemos, breve e inacabada propositalmente. Para ilustrar o inacabamento da referida obra, é importante evocar os ensinamentos apresentados adiante, baseado no “método” de MORIN, cujo caminho é o próprio método

ENTENDENDO O MÉTODO

A obra de MORIN (2003) em “O método”, há um inquietante ponto de vista em relação a inclusão de alguns elementos como a incerteza absoluta, o acaso, a *A/ea*. O método é o próprio caminho da pesquisa, aquele que não se permite fazer o mesmo sem algum tipo de descoberta diferente; o aprendizado com os erros porque todo acerto é parasitado pelo erro.

Nesta obra conheceu-se os princípios: retroatividade, recursividade, autonomia/ dependência, dialógico, reintrodução do sujeito. Enfim, o dilema do escritor, um final que não existe; nunca se alcançará. Ao digitar um texto qualquer, uma ideia, uma história, uma crônica ou qualquer grupo de palavras ordenadas utilizando-se da linguagem culta – ou não – esta simples ação pode comover, incitar, emocionar, distrair, mobilizar, enraivecer, enfim, causar um sem-fim de emoções em outras pessoas, agrupadas ou não. Até aí tudo normal, ou seja, escreve-se e alguém lê o material impresso em um papel. Entretanto, caso o autor utilize-se da *Internet* para divulgar este texto o resultado pode ser outro. Melhor ainda se ele utilizar as Redes Sociais para divulgar esta sua ideia.

As referidas Redes Sociais Virtuais, das quais será muito debatida neste artigo, pode ser apresentada e efetivamente nominada, sendo as mais conhecidas: Facebook, Orkut, MSN, Youtube, Flick´r, Badoo, Myspace, Hi5 e os blogs diversos, cuja definição ou aprofundamento do estudo de cada uma não acontecerá nesta obra. Quando o assunto é a explicação do tal fenômeno, deve-se partir de algum ponto. Qual ponto? Ora, não se pode

deixar de citar todo o esforço de vários autores em dar um sentido à ciência, ensinando-nos o caminho para dar sentido a todas as coisas. Melhor ainda, estudar a própria ciência, a epistemologia.

Neste contexto, poder-se-ia resgatar um pouco do raciocínio trilhado por Descartes, que se socorreu dos filósofos do período pré-socrático a explicar os rumos da referida ciência. Mas, buscase o entendimento na obra *A invenção das ciências modernas* (Stengers,2002) referência neste sentido.

A autora investiga e busca superação da oposição entre as ciências exatas e as demais, propondo o argumento de que a tensão entre objetividade e crença talvez seja justamente o elemento constitutivo do saber científico. Referida autora vai um pouco além neste esforço e seus argumentos acabam por avaliar a questão à luz de diversos autores como KUHN (2007), LEIBNIZ e POPPER, e de DELEUZE, GUATTARI e GALILEU, atuando bem no centro de problemas epistemológicos. Ali como mencionado anteriormente, a autora denomina este tipo de ciência de “moderna”.

STENGERS (2002) debruça-se neste esforço de consolidar o pensamento, agindo dentro de determinados raciocínios. Um deles é a de que a ciência busca dizer a verdade das coisas, isto é, trazer a verdade à tona. Entretanto, se a verdade está nas ideias, como o erro e a ilusão são possíveis? MORIN (2002), afirma que a educação sempre estará ameaçada pelo erro e pela ilusão em algum grau e é obrigação do educador demonstrar este acontecimento, principalmente quando o erro possa estar associado inclusive à forma com a informação é transmitida. Em

tempos e realidades diferentes, o mundo da *Internet* e a discussão em torno da ciência tem suas semelhanças, principalmente em relação ao dinamismo, pois pouco a pouco elas despertam mais pesquisa e mais compreensão. Outra referência que merece uma atenção especial quando o assunto é ciência, trata-se da obra do físico inglês CHALMERS (1994)

O autor é um crítico ferrenho de seus argumentos e constrói de maneira convincente uma fuga dos extremos, ou seja, tende a considerar a ciência algo mais maleável e acessível. Melhor, um mecanismo vivo que continuamente se autocorrige. Esta correção, negociação ou até mesmo a adaptação do sujeito em determinados ambientes é chamado por Maturana como “autopoiese” e por Morin de “auto-regulação” que afirma ser o homem como um ser dotado de um sistema auto-eco-organizador.

CHALMERS (op.cit.) Discute por vários momentos a questão relativa a generalidade e a utilidade (necessidade e contingência), pois busca a compreensão e outra o aperfeiçoamento da tecnologia, ou seja um subproduto da compreensão aperfeiçoada. Em algumas afirmações, como no exemplo dado: “objetos pesados caem na direção do centro da terra” e que eram seguidas por termos como “na maioria dos casos” ou “via de regra” (BARNES, 1975 in CHALMERS, 1994, p. 48) soam, sob sua ótica, insatisfatórias, embora seja uma forma funcional de tratar a ciência na biologia.

Esta nova mídia, a *Internet*, também carrega em si um pouco da tal teoria da imprevisibilidade, isto é, do quanto determinados elementos podem

tomar forma quando em contato com a grande rede, rememorando o exemplo citado no início deste artigo, quando alguém escreve um texto e utiliza a *Internet* para divulgação.

Este conceito encontra eco nos ensinamentos de Morin.

Ainda não incorporamos a mensagem de Eurípedes, que é a de estarmos prontos para o inesperado. (...) O século XX descobriu a perda do futuro, ou seja, sua imprevisibilidade. Esta tomada de consciência deve ser acompanhada por outra, retroativa e correlativa: a de que a história humana foi e continua a ser uma aventura desconhecida (Morin, 2000, p.79).

Porquanto, o fenômeno mais discutido, estudado atualmente na *Internet* é o das Redes Sociais e cuja aparição remonta à antiguidade. Uma rede, figurativamente, é uma teia de aranha, pois é sustentada por vários fios, que são os atores no processo, cuja definição clássica é um agrupamento de pessoas que tenham algum laço de afinidade, e cuja atitude afim direciona o grupo a propósitos comuns. O acréscimo do verbete “virtual” nas redes ocorre quando a interatividade, ou seja, a dupla via, acontece por intermédio de computadores normalmente conectados à *Internet*, ou seja, sem o caráter presencial.

Sob o prisma de MORIN (2006) esta interrelação remete à noção de emergência ligada à teoria dos sistemas, cujo mesmo constitui-se de partes interdependentes que ao interagir transformam-se mutuamente. O conceito expressa que o todo é mais do que a soma das partes e de cuja organização nascem padrões emergentes que podem retroagir

sobre as partes. Das Redes Sociais há muito o que se descobrir. Por tratar-se de uma discussão científica, pergunta-se Como? Ou melhor, o que se descobrir ou prever?

A obra de KUHN (2007), indispensável para obter uma outra visão da natureza das ciências, estabelece dois pontos de discussão: o da ciência normal e da ciência moderna. Ele argumenta que, se a ciência normal tem como função fornecer aos cientistas a oportunidade de desenvolverem detalhadamente uma teoria, se permanecerem nesta normalidade a ciência não progrediria. Isto é, a ciência só progride porque ela contém uma possibilidade de quebrar o argumento pré concebido, ou como ele mesmo diz: paradigma. Isso permite um salto, justamente, falando em revolução, um progresso uma nova ideia de ciência em que ele difere, por exemplo, se toda a investigação é feita com base num paradigma e se esse paradigma contém elementos de variada natureza, não há experiência, não há ciência, sem teoria.

Paradigma é, portanto, a base na qual o conhecimento se assenta e se desenvolve. É uma meta teoria, ou seja uma grande teoria na qual outras se desenvolvem. Para KUHN (2007) a ciência avança por rupturas, ou seja, implica um questionamento da história cumulativa da ciência. Segundo uma linha continuísta, a ciência tem como horizonte a produção de verdades e a apresentação de teorias explicativas da realidade.

Em última análise, o que é questionado é o conceito de verdade. A verdade será, portanto, a preocupação fundamental, mas POPPER afirma frequentemente ser impossível formular um

critério de verdade e aqui reside uma certa contradição, pois se por um lado a ciência caminha para a verdade, por outro lado não há critério que permita afirmar que uma proposição é verdadeira. Quando muito, pode-se dizer que é falsa ou que resistiu às suas falsificações e às falsificações das anteriores teorias e, nesta medida, é superior a elas.

A verdade funcionará como uma espécie de ideal regulador. Aproximamos da verdade eliminando os erros das teorias precedentes e substituindo-as por outras com maior grau de verossimilhança, sendo nisto que reside o progresso da ciência, e só há progresso se admitir uma verdade na direção da qual se segue. No olhar de KUHN (2007) a verdade de cada teoria funciona apenas dentro de cada paradigma (aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma, p. 219). Mesmo ao nível da ciência, não há uma verdade absoluta. O autor põe em cheque o conceito de verdade como objeto da ciência. Podemos falar de verdade, mas apenas como sendo dentro dos próprios paradigmas, ou seja, intra-paradigmática.

Em suma, o que KUHN (2007) nos propõe é um progresso que se faz mediante a revolução. Enfim, uma alternativa ao progresso cumulativo, característico da explicação indutivista da ciência. Portanto, a discussão da ciência é tão dinâmica como são as dinâmicas das Redes Sociais, fenômeno que – conforme já dito - será objeto de estudo aprofundado em outra oportunidade mas que se pode abordar um pouco a respeito.

O fenômeno dos blogs (páginas que guardam textos, são atualizadas

automaticamente e que fazem parte do estudo das Redes Sociais), são na atualidade um elemento semelhante de paradigmas pois, muitos autores amadores publicam seus textos e são seguidos por vários outros sem que eles tenham um juízo de valor apurado a respeito. Estas atitudes tem semelhança com os paradigmas evocados por KUHN em sua obra.

Em contato com a obra de MELUCCI (2005), *Sociedades Complexas, Epistemologias e Pesquisa*, especificamente no texto “Busca da qualidade, ação social e cultural”, vislumbra-se interessantes pontos de pesquisa para o deslinde do elemento em tela: Redes Sociais Virtuais. No campo da ciência, o autor se esforça para colocar o sujeito de volta no ambiente como objeto de estudo, evocando para tanto os tipos de pesquisa, quantitativa e qualitativa, com um destaque especial para esta última.

MELUCCI (2005), afirma que o conhecimento científico é sempre mais um conhecimento entre os outros, mas ao mesmo tempo é uma atividade que dispõe de um privilégio específico, de uma vantagem incomum:

(...) poder dedicar tempo e energia para refletir inicialmente sobre condições sociais de produção do conhecimento mesmo. A este privilégio se conecta a específica responsabilidade da ciência e daqueles que a praticam. (...) Na realidade, é necessário estabelecer uma descontinuidade entre o modelo o tradicional da pesquisa qualitativa e aquele que está emergindo hoje, depois da virada dos anos 60; a descontinuidade está no fato de que a relação observador e observado e a dimensão auto-reflexiva se transformam no aspecto discriminante

da nova pesquisa qualitativa (Melucci, 2005).

Os elementos de pesquisa observados pelo autor são numerados em três níveis: os problemas teóricos e epistemológicos; as práticas de pesquisa por tentativa e erro e, enfim os processos sociais sobre os quais estas práticas se concentram. Neste sentido, emerge como exemplo as próprias Redes Sociais cujo produto de uma interação sempre é incorporado às práticas sociais (MELUCCI, 2005, p.27), numa característica de retroalimentação ou recursividade apontado também na obra de Morin.

Os indivíduos são abastecidos de recursos para conceberem-se e para agirem como sujeitos autônomos de ação. Isto concede para a experiência individual, um papel e um valor muito importante: daqui nasce a atenção sobre a dimensão da experiência do indivíduo especificamente, que não pode ser enfrentada em termos cognoscíveis unicamente com os instrumentos de pesquisa quantitativa e pressiona para a necessidade de adotar métodos de tipo qualitativo (Morin, 2006, *op.cit.* p.29).

O sujeito em contato com as Redes Sociais tende a assumir papéis, em algumas situações até consumindo produtos tangíveis e devem ser objetos de pesquisa qualitativa. Este fenômeno, na visão de MELUCCI (2005), é uma “virada epistemológica”, pois reside aí um novo campo de pesquisa. Embora não aprofundado no estudo BAUMAN (2001, in FIALHO, 2011, p.21), o indivíduo está presente em várias esferas da sociedade contemporânea (pública, privada, relacionamento, etc.) que passa por uma série de transformações cujas consequências esgarçam o tecido social.

Com isso, as instituições perdem a sua solidez e se liquefazem, paradoxalmente como os líquidos:

Sociólogos e psicólogos falam de uma geração Y, que não quer deixar de morar com os pais, que deformam os corpos com seus piercings, que viajam com seus laptops por mundos encantados enquanto professores desesperados repetem suas velhas aulas para as paredes (Melucci, 2005, p.21)

Enfim sob a ótica abordada na obra Melucci toda a consciência projetada nas Redes Sociais não necessariamente refletem a interpretação da realidade, principalmente:

“porque hoje esta consciência é acrescida pelo fato de que vivemos em um mundo quase totalmente mediado por meios de comunicação eletrônica. Os estudos sobre as mídias mostram que na prática social o grau de mediação que se refere à realidade aumenta progressivamente e é destinada a aumentar-se de modo imprevisível” (Melucci, 2005, p.35).

A obra de Melucci em suma, discute a metodologia reflexiva que busca evitar o relativismo e manter aberta uma condição dialógica na teoria e na prática distintas. O problema é a que uma metodologia reflexiva requer a capacidade de voltar continuamente sobre os procedimentos e sobre a prática da pesquisa que, por trás dessa aparente abertura, existe o contato com os modelos tradicionais.

Neste sentido, o caminho da ciência com a inserção de Melucci no cenário, dá um tom específico para a necessidade de compreender o sujeito e suas inter-relações. Já, quando caminhamos em direção a aprendizagem

transdisciplinar, típica das Redes Sociais em que o sujeito se submete a várias entradas e saídas de afinidades, descobrindo, redescobrimos novos valores, encontramos o discurso de Basarab Nicolscu, que caminha em direção a uma discussão epistemológica sobre a transdisciplinaridade, cujo mesmo se empresta de conhecimentos práticos para argumentar acerca da necessidade de trabalhar na educação com esta vertente.

No “Manifesto da Transdisciplinaridade”, a definição diferencia-se da pluridisciplinaridade e da interdisciplinaridade, ou seja, a ela é transição das outras disciplinas. O conceito é corroborado com a “metáfora das gaiolas”; (D’AMBROSIO, UBIRATAN)²². No texto apresentado por NICOLESCU (2005) há o argumento da transdisciplinaridade invocado por KUHN para quem:

A ideia presente é a de que cabe ao próprio pesquisador – diríamos novo pesquisador imbuído de uma atitude interdisciplinar – aproximar-se das bordas disciplinares e identificar que entre as fronteiras disciplinares não existe ‘um espaço vazio (KUHN 2007, p.13).

²²Referência às gaiolas epistemológicas, metáfora de Ubiratan D’Ambrosio para a compreensão da disciplina, da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Se a disciplina é vista como uma gaiola que permite um contato reduzido com a vida, a interdisciplinaridade seria a aproximação de gaiolas com portas abertas entre si, possibilitando o contato mais estreito com o outro, com a vida, mas ainda engaiolados. A transdisciplinaridade representaria as gaiolas abertas. Permanecendo abertas nos propiciariam o voo livre para a compreensão da vida, com a gaiola de porta sempre aberta, com alimento e água para nosso reconforto e segurança. Citação em aula ministrada em 2011 pela Profa. Dra. Roberta Galasso no programa de Mestrado da Universidade Braz Cubas.

Portanto, a diferença entre a ciência moderna e a ciência normal, estabelecida na leitura da obra de KUHN (2007), estimula a compreensão de que o eixo da ciência moderna é o da complexidade. É, portanto, a busca ferrenha que se adapta perfeitamente ao contexto das Redes Sociais por todos aqueles que a utilizam. Ainda em NICOLESCU(2005), Para Uma Educação e Aprendizagem Transdisciplinares, destaque-se além do conceito ventilado linhas atrás, os três pilares metodológicos: complexidade, lógica do terceiro incluído e os diferentes níveis de realidade.

Deste texto constata-se que o mencionado educador PIAGET como um dos primeiros a utilizar o verbete “transdisciplinar.” e vale-se para a compreensão da metáfora do arco com quatro flechas e, por fim, da zona de não resistência conhecido como “o véu do real”; *ipsis literis*:

[...]os diferentes níveis de realidade são acessíveis ao conhecimento humano graças à existência de diferentes níveis de percepção (...)A unidade de níveis de percepção e esta zona complementar de não resistência constituem o que chamamos de sujeito transdisciplinar (Piaget).

Consciente de que as Redes Sociais tem um papel de “espalhador de informações” em velocidades absurdas, já citado anteriormente por LEVY, depara-se com BONDIA (2002), cujos textos fazem reflexões sobre a experiência e o saber da experiência, evocando a questão da quantidade de informações que dispomos atualmente e o que se pode tirar de “experiência” de tudo isso.

O autor aborda sobre a falta de opinião na tal da sociedade de informação

e discutivelmente a sociedade da aprendizagem. Sua tese é a de que a experiência não tem nada a ver com trabalho e que o ato de ter contato com textos não significa experiência. Experiência é algo que nos toca, que nos atravessa; é algo que vem da paixão.

Neste passo, o sujeito ao ter contato com as Redes Sociais Virtuais, especificamente o Orkut, sofre do problema visitado pelo autor, isto é, da quantidade de opções e da falta de capacidade para escolha. Normalmente, o sujeito se vê diante de uma situação que lhe ‘obriga’ a enquadrar-se em comunidades que podem render-lhe algum dividendo social, a exemplo daquelas como “odeio segunda-feira”, ou até mesmo “detesto acordar cedo”, muito visadas por profissionais de Recursos Humanos como a descoberta de um atributo do candidato que pode ser na realidade supostamente falso, mas situacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relativo ao presente artigo foi possível estabelecer alguns interessantes pontos de contato entre os autores trabalhados e as Redes Sociais. Sabe-se que o universo de autores é extenso no sentido da referida mídia. Autores como LEVY (O que é virtual), BAUMAN (Modernidade Líquida, Vida Líquida, dentre outros) tem referências mais atualizadas e discussões mais aprofundadas neste sentido. A proposta da presente não era o de – como foi dito – aprofundar-se no referido tema, mas utilizar o presente artigo como um farol a iluminar o caminho de uma pesquisa mais aprofundada cujo propósito está em descobrir o tempo-espaço do

sujeito no universo das Redes Sociais, este mutante e desconhecido da ciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BASSIT, Ana Zahira (org). O Interdisciplinar - Olhares Contemporâneos. São Paulo: Factash Ed., 2010.

BONDIA, Larrosa J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: Revista Brasileira de Educação, jan./fev./mar, 2002.

CHALMERS, Alan. A fabricação da ciência. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

FIALHO, Francisco A. P. Uma escola para os magos de amanhã: Um ser interdisciplinar, aberto ao diálogo. Pinhais: Editora Melo, 2011.

KUHN (2007), Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual. São Paulo: Editora 34, 2006.

MELUCCI, A. Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005.

MORIN, Edgar. O Método: estratégias para o conhecimento e a ação num caminho que se pensa. In: Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Meridional/Sulina, 2005.

NICOLESCU, B. Para uma educação e aprendizagem transdisciplinares. Artigo originalmente publicado em inglês com o título

Towards Transdisciplinary Education and Learning para a conferência "Science and Religion: Global Perspectives", June 4-8, 2005, in Philadelphia, PA, USA, Metanexus Institute (www.metanexus.net)

NIETZCHE, F. Humano, Demasiado Humano. São Paulo: Escala. 2005.

STENGERS, I. A invenção das ciências modernas. São Paulo: Editora 34, 2002.